



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
EDITORA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE – EDUFCG

EXPEDIENTE

Prof. Thompson Fernandes Mariz
Reitor

Prof. José Edílson Amorim
Vice-Reitor

Prof. Antonio Clarindo Barbosa de Souza
Diretor Administrativo da EDUFCG

CONSELHO EDITORIAL DA EDUFCG

Prof. Benedito Antonio Luciano	CEEI
Prof. Carlos Alberto Vieira de Azevedo	CTRN
Prof. Consuelo Padilha Vilar	CCBS
Prof. Edjane E. Dias da Silva	CCJS (Sousa)
Prof. José Helder Pinheiro	CH
Prof. José Wanderlei Alves de Sousa Cfp (Cajazeiras)	
Prof. Onaldo Guedes Rodrigues	CSTR (Patos)

EDUFCG

Campina Grande – 2008 –
edufcg@reitoria.ufcg.edu.br
www.ufcg.edu.br/~edufcg

TRIUNFO EM PICADAS E O FIM DA CONFEDERAÇÃO DO EQUADOR



TRIUNFO EM PICADAS

E O FIM DA CONFEDERAÇÃO DO EQUADOR

Antônio A. C. de Andrade
Organizador

Cássio Cunha Lima

Governador do Estado

José Lacerda Neto

Vice-Governador

Neroaldo Pontes de Azevedo

Secretário de Estado da Educação e Cultura

Damísio Mangueira da Silva

Prefeito Constitucional do Município de Triunfo

Sonia Vita da Silveira

Vice-Prefeita

Golda Meir

Secretária Municipal de Educação

Celicleudia Evangelista Pinheiro

Secretária Municipal de Cultura

Coordenação e Execução

- Antônio Aurélio Cassiano de Andrade

- Teudulino Mangueira Rosendo

- José Ribamar de Andrade

Iconografias

- Revista do Instituto Histórico e Arqueológico
Pernambucano

- Acervo da Prefeitura Municipal de Triunfo

- Geraldo Braz Pinheiro

Projeto Gráfico

Sayro Braga

Secretaria de Estado de Educação e Cultura da Paraíba

Centro Administrativo, Bloco 01

Jaguaribe - CEP 58.010-000

João Pessoa - PB

www.paraiba.pb.gov.br

Prefeitura Municipal de Triunfo

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL DA UFCG

T739

2008

Triunfo em picadas : e o fim da confederação do Equador /
Antônio A. C. de Andrade (organizador). --- Campina Grande :
EDUFCG, 2008.

44 p.

1. Confederação do Equador - História. I. Andrade,
Antônio A. C. de. II. Título

CDU – 94(81).044/.046

*“O Hoje é apenas
Um furo no futuro
Por onde o passado
Começa a jorrar”....*

Raul dos Santos Seixas

Agradecimentos

Para efeito de justiça formal, agradecemos a todos que anonimamente deram suas contribuições para a realização desse trabalho, sobretudo através da internet, de onde colhemos muito material e que, invariavelmente, só pudemos dispor como referencia os sites, devidamente publicados como crédito nas fontes de pesquisa.

Agradecimentos mais que especiais aos historiadores ROSILDA CARTAXO, de quem transcrevemos um texto inteiro, e CORIOLANO DE MEDEIROS (ambos in memoriam), que em seus árduos trabalhos lançaram a ponte da memória entre a CONFEDERAÇÃO DO EQUADOR e Triunfo, o triunfo do império que suplantou nosso antigo nome de PICADAS.

Sumário

Apresentação.....	11
Notas acerca da historicidade humana na batalha de Picadas.....	13
A confederação do Equador.....	15
A Constituição de 1824.....	17
O governo provisório.....	19
Bandeira da Confederação do Equador.....	21
Os estados confederados.....	22
As principais campanhas.....	23
Confronto e derrota.....	25
A batalha de Picadas.....	27
Frei Caneca.....	29
A repressão à confederação do Equador.....	31
A prisão e execução de Frei Caneca em Recife.....	33
Trechos do manifesto.....	35
Considerações finais.....	37
Finalmente que descansem em Paz.....	39
A fundação de Triunfo.....	41
Bibliografia.....	43

Apresentação

As bases para o reconhecimento histórico do município de Triunfo e sua inserção nas páginas oficiais que relatam o movimento Revolucionário conhecido como CONFEDERAÇÃO DO EQUADOR, foram lançadas graças a tenacidade do executivo municipal, na pessoa de Damísio Manguieira da Silva.

A princípio uma estória de “trancoso”, contada reiteradas vezes por José Lisboa Sobrinho, seu “Zé de Nanu”, a quem nunca se havia dado credibilidade. Mas a determinação fez o seu trabalho e, por fim, nos textos quase esquecidos de Rosilda Cartaxo, surgiu o fato impresso e documentado, corroborando o que seu “Zé de Nanu” preservou por décadas, em seus relatos, com total fundo de verdade e, belamente, decorados por sua privilegiada imaginação.

A Batalha de Picadas que marcou o fim do movimento também marcou o nosso, hoje município, não por ter sido um massacre hediondo, onde o sangue de 175 pessoas verteu numa grotesca irrigação da terra, mas por ter sido um daqueles eventos que dividem o tempo dos homens, tendo como pano de fundo a decisão de como eles querem viver.

Não há como aquilatar tragédias, porque, por si só, são tragédias: conceito grego que radicaliza a impossibilidade de retorno ou reparação. Portanto, da “Batalha de Picadas” à um cotidiano homicídio, o que nos salta aos olhos nessa história é sua dimensão e desdobramentos, pois são nos desdobramentos que reside a “importância” dos fatos: o que afeta o conjunto dos homens no tempo.

Pelo exposto, esta cartilha constitui-se importante material para fixação dessa memória, devolvendo ao curso da história o lugar desses homens esquecidos que empenharam suas vidas em nome da liberdade. Nas palavras de Damísio Manguieira quando das comemorações alusivas aos 181 anos da batalha, ocorridas a 17 de outubro de 2005, momento em que um ato religioso foi celebrado: “Talvez tenha sido a primeira vez que em 181 anos, uma prece tenha sido elevada aos céus, intercedendo pela paz e descanso eterno de quem legou sua vida, através da morte, a construção da história que nos tornamos herdeiros.”.

Notas acerca da historicidade humana na Batalha de Picadas

A História quando pesquisada, grafada, interpretada, reedita e recontada, é sempre uma nova aventura humana. Seu caráter científico exigente, que faz da diferença entre o “H” e o “e” um oficialato versus folclorismo, não elimina, nem num caso nem no outro, sua magia pura e simples, como dizer que temos passado idílico ou trágico.

Por isso, tratar da HISTÓRIA, com “H” ou “e”, a muito, é mais que uma preocupação humana, é na verdade uma necessidade do nosso espírito. E não se trata apenas de espacializar eventos importantes de forma a serem apropriados por essa comunidade em detrimento daquela, até porque nessas fronteiras cartesianas sempre se localiza um homem dotado de algo mais que senso de latitude, longitude, ontem e hoje e, suas ações, traduzidas em glórias ou esquecimentos futuros são, afinal de contas, o fundamento da existência.

Mas reivindicar para nós outros determinados momentos, em determinados lugares, é essencial para nosso presente e nosso futuro, não porque nos orgulhemos ou nos envergonhemos desse ou daquele nosso passado, mas porque ele nada mais é do que nossas raízes e, como tal, precisam estar circunscritas num cruzamento flutuante de tempo e espaço onde, concretamente, balize-se nossa identidade.

Assim, todo esforço possível para manter a memória, de forma a desenhá-la e redesenhá-la como nossa, no fluxo da existência humana sobre a terra, é tão importante quanto o esforço para manter os saberes que nos fazem produzir, crescer e re-produzir.

Entendedores disso, nós de cá, do Triunfo, nos embrenhamos nesse emaranhado, por sua vez fatia de identidade única na História, conhecida como CONFEDERAÇÃO DO EQUADOR, para entendermos de que ‘movimentos’ reais somos animados.

Sabemos, é claro, que foi apenas um instante desse nosso chão, mas sabemos também que “o instante” sempre se tocou e se toca a todos os outros e que, em corrente, compõe a eternidade que nos é capaz compreender, porém sua importância não está no sofisma da “gota d’água no oceano” mas justamente na “gota”, como entidade carregada de valor, desejo, dor, derrota e vitória, características exclusivas do que é vivo.

Reivindicamos, portanto, como pessoas que pisam esse chão, o reconhecimento oficial da Batalha de Picadas, como reivindica a Ciência Histórica, o reconhecimento dos rastros do passado. Poucos foram os historiadores que deram atenção aos “detalhes” desse famoso evento, mas, convenhamos, o massacre, numa só noite, de 175 homens que se permitiram uma “baixa de guarda”, quer seja por imprudência ou por prazer, não pode ser considerado “detalhe” na grandiosidade de uma luta por liberdade e que acabou sendo fotografia para a identidade nacional, tal como a conhecemos hoje.

A Batalha de picadas, portanto, representa para Triunfo da Paraíba, o emprestar do seu belo cenário para uma peça que não deve ser esquecida jamais, não porque ocorreu aqui, nesse chão onde pisamos, mas porque se caracteriza como um evento que a humanidade nunca deveria ter visto ou produzido. Pois que esse marco fique, para nós humanos, que continuamos a reproduzi-lo em diversas partes desafortunadas do mundo contemporâneo e que, ao que parece, nossos herdeiros também ainda não aprenderão a aboli-lo.

O Planeta continua. Só falta aprender com a História. Por isso, o TRIUNFO do Primeiro Império Brasileiro, no Sítio Picadas, requer, sem orgulho e com orgulho, o exemplo da CONFEDERAÇÃO DO EQUADOR, para que o paradoxo da liberdade não seja a morte!

Vamos aos Fatos:

A Confederação do Equador

Movimento Revolucionário, ocorrido em 1824, que tinha como objetivo a criação de um Estado Confederado, no nordeste do Brasil, formado pelas Províncias de Pernambuco, Paraíba, Ceará e Rio Grande do Norte. De caráter Republicano, constituiu-se na principal reação à tendência absolutista e a política centralizadora esboçada na primeira Constituição do país e executada por Dom Pedro I.

A Confederação do Equador contou com a participação de diversos segmentos sociais, incluindo os proprietários rurais que, em grande parte, haviam apoiado o movimento de independência e a ascensão de D. Pedro I ao trono, julgando que poderiam obter maior poder político com o controle sobre a província de Pernambuco. Dessa maneira as elites agrárias da região pretendiam preservar as estruturas socioeconômicas e ao mesmo tempo chegar ao poder, até então manipulado pelos mercadores e militares de origem portuguesa, que se concentravam em Recife. No entanto esse movimento não foi protagonizado apenas pelas elites. A necessidade de lutar contra o poder central fez com que a aristocracia rural mobilizasse as camadas populares. Se as camadas populares não tinham até então sua própria organização, isso não significa que não tivesse condição para organizar suas reivindicações e caminhar com as próprias pernas, questionando não apenas o autoritarismo do poder central, mas da própria aristocracia da província.

Além dos elementos já analisados, na organização do movimento foi de grande importância o papel da imprensa, em especial dos jornais "A Sentinela da Liberdade na Guarita de Pernambuco", de Cipriano Barata e do "Tífis Pernambucano" de Frei Caneca.



**FREI JOAQUIM DO
AMOR DIVINO
(Caneca)**

A Constituição de 1824

O primeiro processo constitucional do Brasil iniciou-se com um decreto do príncipe D. Pedro, que no dia 3 de junho de 1822 convocou a primeira Assembléia Geral Constituinte e Legislativa da nossa história, visando a elaboração de uma constituição que formalizasse a independência política do Brasil em relação ao reino português. Dessa maneira, a primeira constituição brasileira deveria ter sido promulgada. Acabou porém, sendo outorgada, já que durante o processo constitucional, o choque entre o imperador e os constituintes, mostrou-se inevitável.

A abertura da Assembléia deu-se somente em 3 de maio de 1823, para que nesse tempo fosse preparado o terreno através de censuras, prisões e exílios aos opositores do processo constitucional.

Foi a primeira constituição de nossa história e a única no período imperial. Com a Assembléia Constituinte dissolvida, D. Pedro I nomeou um Conselho de Estado formado por 10 membros que redigiu a Constituição, utilizando vários artigos do anteprojeto de Antônio Carlos. Após ser apreciada pelas Câmaras Municipais, foi outorgada (imposta) em 25 de março de 1824, estabelecendo os seguintes pontos:

- um governo monárquico unitário e hereditário.
- voto censitário (baseado na renda) e descoberto (não secreto).
- eleições indiretas, onde os eleitores da paróquia elegiam os eleitores da província e estes elegiam os deputados e senadores. Para ser eleitor da paróquia, eleitor da província, deputado ou senador, o cidadão teria de ter, agora, uma renda anual correspondente a 100, 200, 400, e 800 mil réis respectivamente.
- catolicismo como religião oficial.
- submissão da Igreja ao Estado.
- quatro poderes: Executivo, Legislativo, Judiciário e Moderador. O Executivo competia ao imperador e o conjunto de ministros por ele nomeados. O Legislativo era representado pela Assembléia Geral, formada pela Câmara de Deputados (eleita por quatro anos) e pelo Senado (nomeado e vitalício). O Poder Judiciário era formado pelo Supremo Tribunal de Justiça, com magistrados escolhidos pelo imperador. Por fim, o Poder Moderador era pessoal e exclusivo do próprio imperador, assessorado pelo Conselho de Estado, que também era vitalício e nomeado pelo imperador.



DOM PEDRO I
Imperador do Brasil - 1822 - 1831



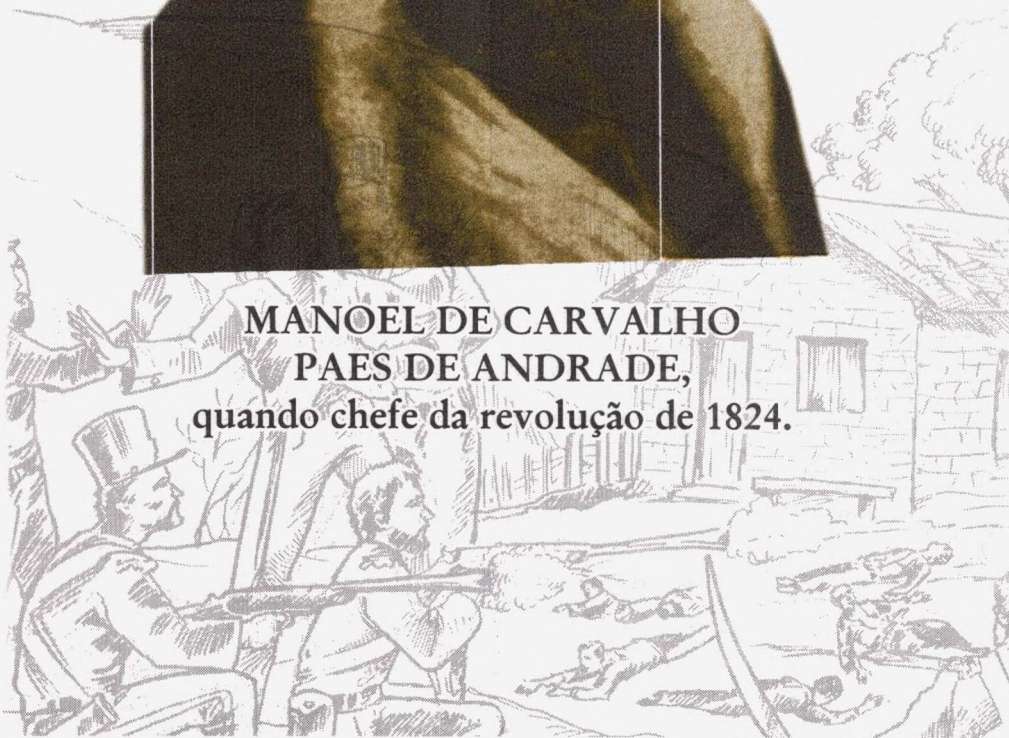
O Governo Provisório

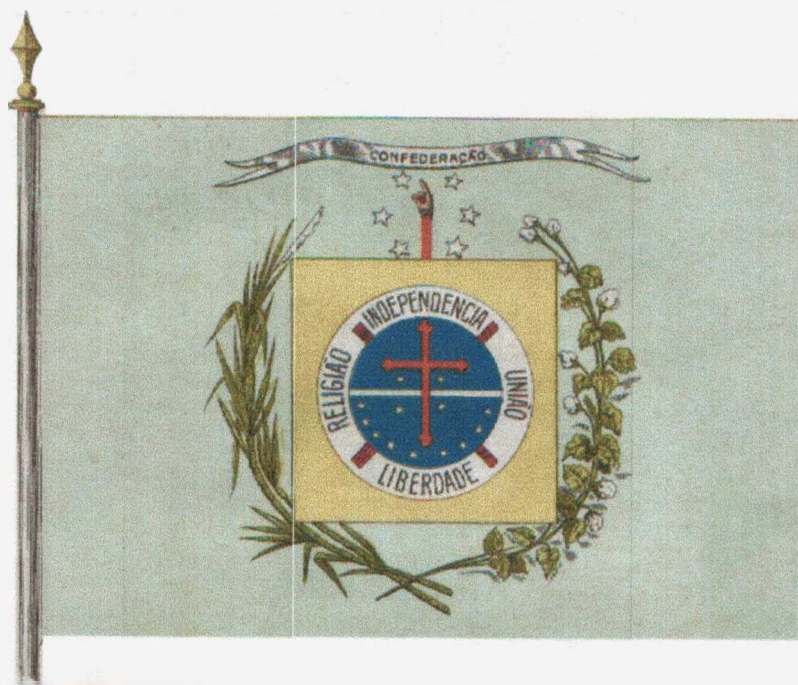
Em meio a clima tenso, D. Pedro I nomeou um novo presidente para a província de Pernambuco - Francisco Pais Barreto - destituindo Manuel de Carvalho Paes de Andrade, que fora escolhido pelas Câmaras de Olinda, Recife, Igarçu, Pau-d'Alho, Cabo, Limoeiro e Serinhaém.

Esta decisão abriu caminho para o início do movimento separatista que ficou conhecido como Confederação do Equador. Seus participantes, apresentando-se como "patriotas pernambucanos", discordaram desta medida do imperador, considerando-a autoritária. O movimento ganhou ímpeto, desafiando o poder central, espalhando-se pelas ruas de Recife e conquistando a adesão das Províncias Vizinhas. Sob o Comando de Manoel de Carvalho, com a deflagração do movimento a 2 de julho de 1824, foi instalado o Governo Provisório.



**MANOEL DE CARVALHO
PAES DE ANDRADE,
quando chefe da revolução de 1824.**





BANDEIRA DA CONFEDERAÇÃO DO EQUADOR

Os Estados Confederados

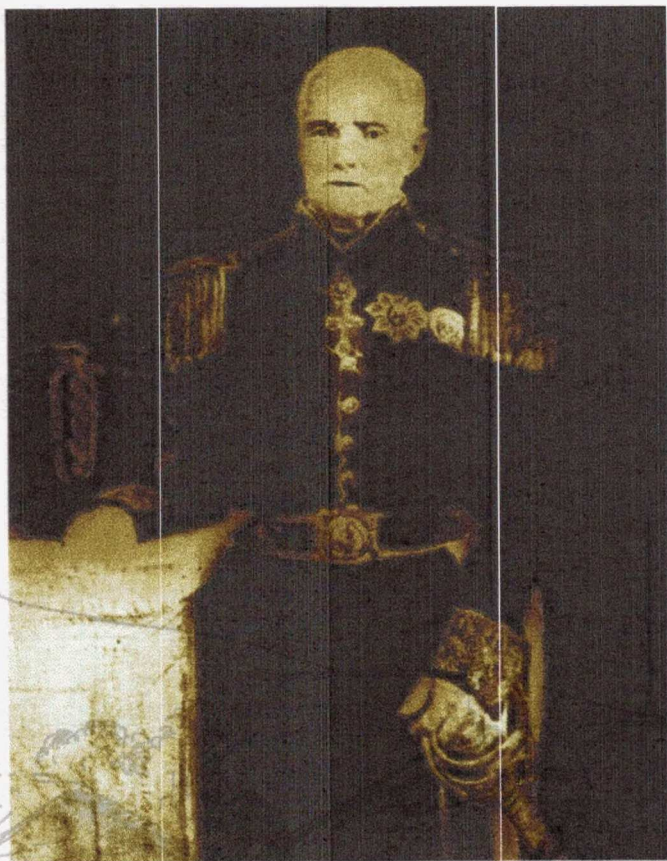


As Principais Campanhas

Dom Pedro I enviou para o nordeste tropas contratadas no exterior, sob o comando do Lord Thomas Cochrane. Em setembro, caíram 3 províncias, só restando o Ceará, que não agüentou além de novembro. Alguns líderes confederados, entocados no sertão, resistiram até dezembro.

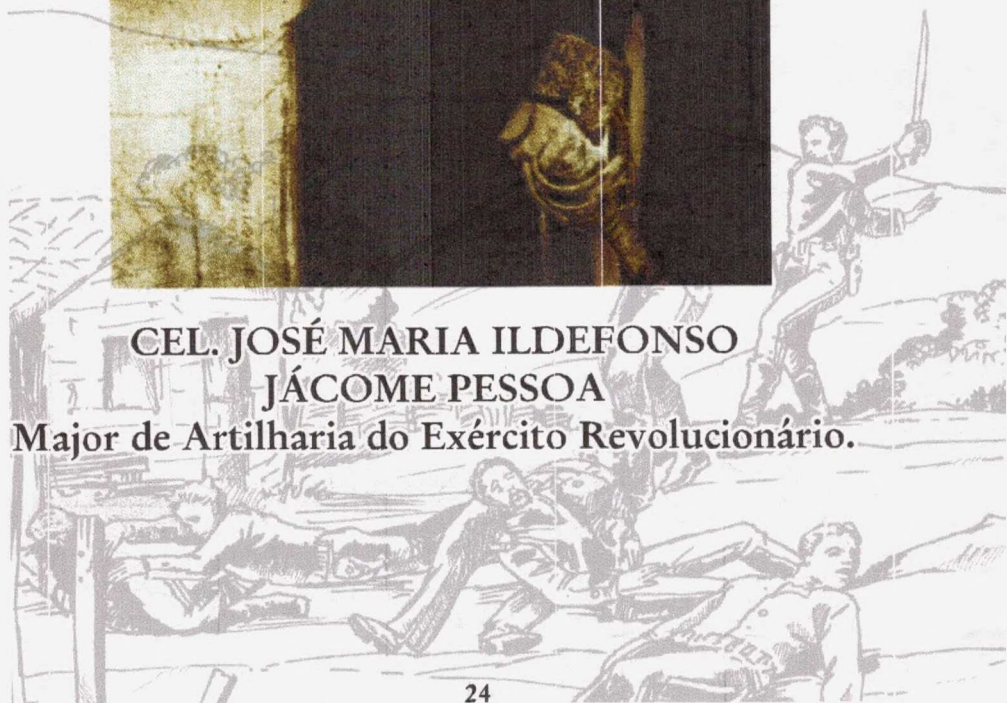
As principais Batalhas registradas na Paraíba foram:

- Itabaiana,
- Pilar,
- Picadas.



**CEL. JOSÉ MARIA ILDEFONSO
JÁCOME PESSOA**

Major de Artilharia do Exército Revolucionário.

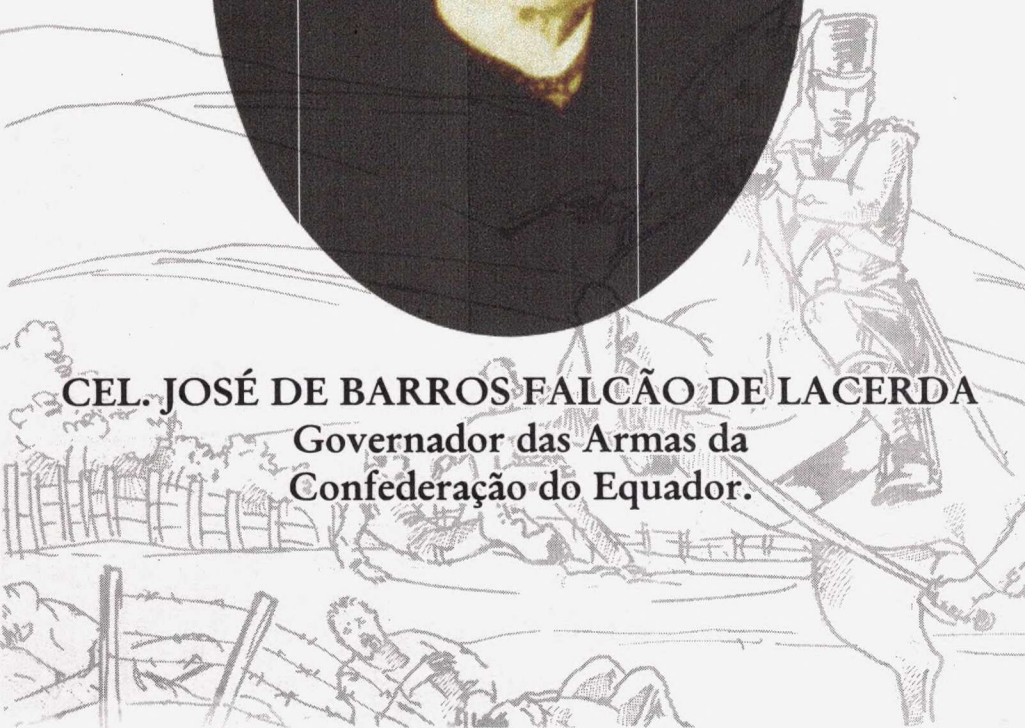


Confronto e Derrota

A organização de tropas para defender a Confederação permitiu a grande participação popular. Setores da camada popular já estavam organizados em "brigadas" desde 1821, compostas por mulatos, negros libertos e militares de baixa patente. Em 21, quando do movimento Constitucionalista, essas brigadas foram organizadas pelos líderes do movimento e acionadas em determinadas situações, porém, sob o controle das elites locais. No entanto, em vários momentos na história das brigadas houve insubordinação e radicalização, expressando não o sentimento nativista, mas a radicalização contra proprietários ou ainda a população branca. Em 1823 ocorreram ataques diretos aos portugueses, que ficaram conhecidos como "mata-marinheiro" e protestos raciais, marcados pelo exemplo haitiano. Esse processo de radicalização amedrontava as elites e por várias vezes foram responsáveis por seu recuo na luta contra o poder central. As divisões internas ao movimento, entre as elites haviam tendências diferenciadas, assim como o distanciamento destas em relação a massa popular contribuiu para a derrota do movimento. Por outro lado, havia a presença de tropas mercenárias contratadas pelo poder central, comandadas por Lord Cochrane que cercavam a província. Essa situação foi responsável pela política vacilante de Pais de Andrade, que não aceitou os termos de rendição propostos pelo mercenário, devido principalmente, a forte pressão que sofria das camadas baixas da população. Essa situação é reforçada quando, depois da tomada de Recife pelas tropas mercenárias, Pais de Andrade refugiou-se em um navio inglês, enquanto os elementos mais radicais resistiam em Olinda, liderados por Frei Caneca. A violenta repressão, financiada pelo capital inglês, foi responsável por debelar o movimento, prender seus principais líderes, que foram executados, dentre eles o próprio Frei Caneca.



CEL. JOSÉ DE BARROS FALCÃO DE LACERDA
Governador das Armas da
Confederação do Equador.



A Batalha de Picadas

Por Rosilda Cartaxo

(...)
A pesar dessa desigualdade de forças registra a crônica daqueles fatos três encontros de maior expressão quando as tropas de Filgueiras bateram os imperialistas em Umarí, Taboleiro Grande e Brejo das Freiras.

No desenrolar daquelas lutas chega Maxi com 180 homens, a 17 de outubro de 1824, na Fazenda Picadas, de Propriedade de Agostinho Tomaz de Aquino, assaltando-a, sem maiores cautelas, embriagados e entregues ao sono, por fim, sem suspeitar dos imperialistas os seguiam de perto. E assim encontravam-se os soldados do valente e truculento Maxi quando foram assaltados pelas tropas dos Dantas Rotheia e de Pinto Madeira.

Acometidos de surpresa os republicanos ainda conseguiram oferecer denotada resistência que foi, aos poucos, enfraquecendo pela escassez de munição, sendo os sitiados, afinal dominados pelos imperialistas que, friamente praticaram uma chacina inominável matando um a um os imprevidentes soldados republicanos.

Foi total o massacre. Dos 180 homens que compunham as tropas de Maxi apenas escaparam cinco pessoas, três conseguiram fugir e duas ficaram como mortas debaixo dos cadáveres dos seus desventurados companheiros.

(...)
O morticínio de Picadas teve para os imperialistas o significado de uma vitória que fez mudar o curso dos acontecimentos. E assim o entendessem deram à localidade o nome de TRIUNFO para perpetuação daquele feito militar de triste e execranda memória, guardado hoje, sem que muitos o saibam, no nome da cidade que floresceu no local em que Maxi e seus soldados foram barbaramente trucidados sem o menor respeito às comezinhas leis de guerra, ou, que isso não bastasse, aos elementares princípios da humanidade.

Talvez fosse justificada a euforia dos imperialistas e Theberg aponta aquele feito militar como uma das causas decisivas para a retirada do exercito de filgueiras, perseguido pelo que chamou de “fantasma de picadas”.

“Em 01.12.1824 a tropa da Paraíba composta por 200 homens sob o comando de Joaquim Moreira Lima, saíra de lavras passaram em São João do rio do Peixe, trazendo os revolucionários:

O Presidente da Paraíba – Felix Antônio
Frei Joaquim do Amor Divino – Frei Caneca
Capitão França
Antônio Carneiro
Rangel
Frei Antônio Joaquim das Mercês
Agostinho Bezerra
Veras
O Vieira
Major Joaquim José Alves
Emiliano
Padre Inácio Bento d'Avila
Capitão Monte
Capitão Lázaro
Capitão Taveira Caneludo
Capitão José Alves
Frei João

Estes foram entregues à Pastorinha para os conduzir a Pernambuco Escoltados por 16 praças de Caçadores e o Sargento Tapiti”

Frei Caneca

Carmelita de origem humilde (vivia, quando garoto, da venda de canecas nas ruas de Recife, daí seu nome), Frei Caneca foi educado no Seminário de Olinda, centro de difusão de idéias liberais, e logo se revelou como um dos mais combativos liberais radicais. Participante da revolução de 1817, seu grande papel de ideólogo e revolucionário mostrou-se, no entanto, na preparação e no próprio movimento de 1824. Neste movimento teve importância como jornalista político, em seu famoso "Tísis Pernambucano", como secretário do Governo Revolucionário e principalmente como líder popular - capitão das guerrilhas, depois das quais seria preso e condenado à morte. Em seu jornal, cujo primeiro número datava de 25 de dezembro de 1823, conclamava os pernambucanos à revolta, denunciando as manobras do poder central e o despotismo que se avizinhava.



BUSTO DO FREI CANECA,
existente no Instituto Arqueológico.
Trabalho do escultor João Confa Ionieri.

A Repressão à Confederação do Equador

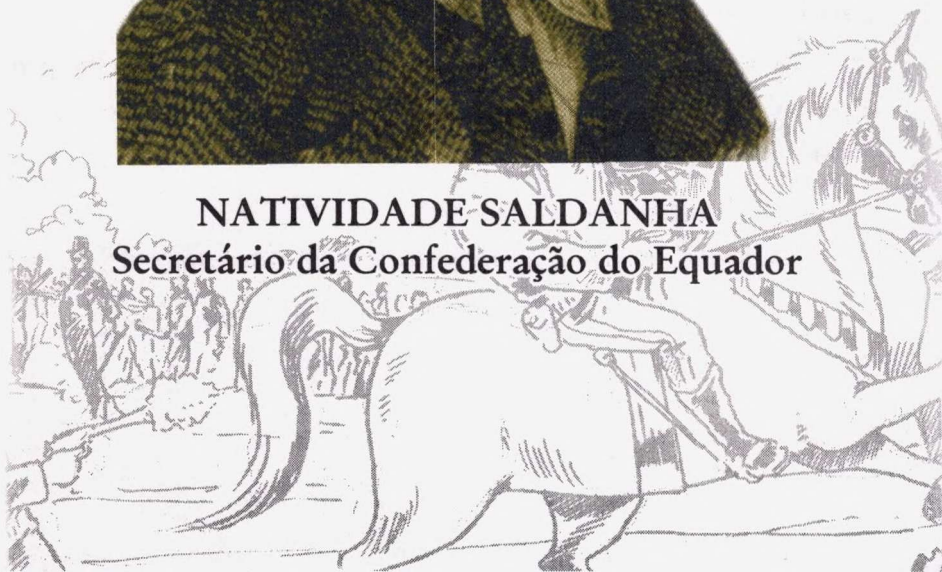
Uma violenta repressão iniciou-se em agosto de 1824. As tropas do Governo avançaram e, com sucessivas vitórias, puseram fim à Confederação do Equador em 29 de novembro de 1824. As instruções passadas pelo Governo imperial diziam (...) "não admitir concessão ou capitulação, pois a rebeldes não se deve dar quartel".

A maior parte dos líderes do movimento, em Pernambuco e nas outras províncias, foi presa e julgada por tribunais militares. Frei Caneca foi acusado, entre outras ações, de (...) "aprender ofício de soldado (...) de ser declamador (...) de ser capitão de guerrilhas, (...) de fugir com os rebeldes e, na debandada de ser preso".

D. Pedro I mostrou-se irredutível em relação ao cumprimento das penas dos condenados à morte. Não atendeu a nenhum apelo irritando-se com a insistência dos pedidos.



NATIVIDADE SALDANHA
Secretário da Confederação do Equador



A prisão e a execução de Frei Caneca em Recife

Frei Caneca, condenado à forca, acabou sendo fuzilado por soldados das tropas imperiais em 13 de janeiro de 1825, pois os carrascos pernambucanos negaram-se a cumprir a sentença. Ainda assim, para o fuzilamento vários homens receberam armas, porém somente uma cotinha munição, de forma que o executor não soubesse que havia sido ele. Conta-se que sem essa condição, eles também teriam se negado a cumprir a execução. O historiador Nelson Werneck Sodré comenta que Frei Caneca às vésperas da morte, compôs alguns versos sendo que os últimos diziam: "A vida do patriota não pode o tempo acabar..."

Fr. Joaquim do Amor Divino Caneca, Caneca

Joaquim do Amor Divino (Caneca)

Fachada da Basílica
do Carmo a cuja
Ordem pertenceu
Frei Caneca.
No interior da mesma
foi ele sepultado.



Trechos do Manifesto

“**B**rasileiros. - A salvação da honra da pátria, e da liberdade, a defesa de nossos imprescritíveis e inalienáveis direitos de soberania, instam, urgem e imperiosamente comandam que com laços da mais fraterna e estrita união, nos prestemos recíprocos auxílios para nossa comum defesa.”...

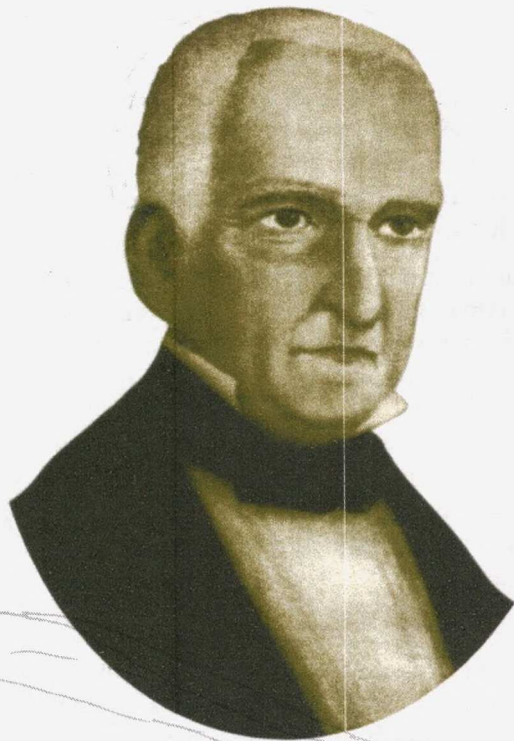
...“É inato no coração do homem o desejo de ser feliz, e esse desejo, como princípio de toda sociabilidade, é bebido na natureza e na razão, que são imutáveis; para preenchê-lo é indispensável um governo que, dando expansão e coordenando todos os seus recursos, eleve os associados àquele grau de prosperidade e grandeza que lhe estiver destinado nos planos da providência; sempre disposta em favor da humanidade. Reconhecendo estas verdades eternas, adotamos o sistema de governo monárquico representativo e começamos nossa regeneração política pela solicitude de uma soberana assembléia constituinte de nossa escolha e confiança.”...

...“Segui, ó brasileiros, o exemplo dos bravos habitantes da zona tórrida, vossos irmãos, vossos amigos, vossos compatriotas; imitais os valentes de seis províncias do norte que vão estabelecer seu governo debaixo do melhor de todos os sistemas – representativo -; um centro em lugar escolhido pelos votos dos nossos representantes dará validade e movimento a todo nosso grande corpo social. Cada Estado terá seu respectivo centro, e cada um destes centros, formando um anel da grande cadeia, nos tornará invencíveis.”

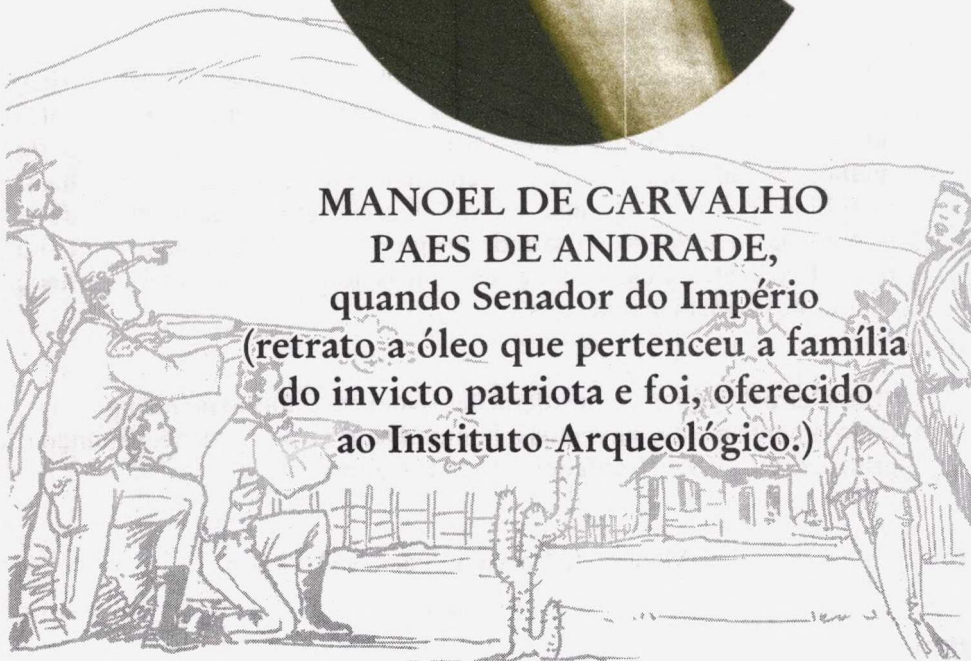
“Brasileiros! Pequenas considerações só devem estorvar pequenas almas; o movimento é este, salvemos a honra, a pátria e a liberdade, soltando o grito festivo – Viva a Confederação do Equador!”

Manoel de Carvalho Paes de Andrade

Presidente



**MANOEL DE CARVALHO
PAES DE ANDRADE,
quando Senador do Império
(retrato a óleo que pertenceu a família
do invicto patriota e foi, oferecido
ao Instituto Arqueológico.)**



Considerações finais

Sabemos das deficiências existentes nesse breve apanhado a cerca da CONFEDERAÇÃO DO EQUADOR, notadamente no que diz respeito ao enfoque principal a que se pretendeu o trabalho: A BATALHA DE PICADAS.

Mas, estamos apenas começando. Esse registro, com todas as suas deficiências, entendemos, cumpre o papel de chamar a atenção dos olhares da História para as finas dobras do seu próprio tecido e que, a partir desse olhar, também possa ela valorizar o vencido, cujo lugar preferencial, legado pelo oficialismo, tem sido justamente as “dobras”, que aqui preferimos chamar de “cotidiano esquecimento”.

Reafirmamos, não estamos aqui reclamando uma propriedade histórica particular e sim, a necessidade de recuperarmos os ímpetus humanos, independente de seus juízos de valor e que, por assim o ser, deve se tornar norte para a conduta dos presentes.

Sabemos também que a História não se faz só com literatura, mas também sem ela não existe. Assim não fosse, as memórias vivas que tanto deram sustentabilidade a também história oficial, deveriam ser questionadas como meros privilégios autônomos e individuais que re-moldam o passado ao seu bel prazer e o delega ao futuro como absoluta verdade. Há que se ser sincero, e isso deveria bastar.

Mas a Ciência Histórica não é um mero entretenimento, ainda que entretenimento também seja memória e valor. Não nos dispomos a investigar o passado com esforço e duro labor, somente para nos divertir, fazemos isso, e como ofício, porque importa ao homem não estar perdido no “seu” único e exclusivo tempo e, conseqüentemente, sem base para pisar ou teto pra construir.

Nossos heróis nos alimentam, vivos ou mortos, vitoriosos ou vencidos, porque no íntimo de nós, também queremos sê-los. Talvez, o que não aprendemos ainda, é que somos tantos e, desses tantos, heróis e vencidos, donos de olhares circulares e profundos... as vezes perdidos na própria retina.

Paradoxalmente parece ter sido um prazer termos tido a oportunidade da realização desse trabalho, tão cheio de ajs e ufancias, mas, provavelmente, esse prazer advém de uma única magia: É História, e humana!

Finalmente, que descansem em paz

O dia 17 de outubro em Triunfo, por força de lei municipal, é feriado. A data, mais do que significativa para nosso município, tem importância para a história do nordeste brasileiro e do Brasil.

O ano era 1824, e naquele dia, 175 homens perderam a vida em nosso solo, defendendo um sonho de liberdade. Como ficou conhecida, a Confederação do Equador foi mais um Capítulo da tumultuada história política e social brasileira e se configurou pela rebelião de quatro estados nordestinos, liderados por Pernambuco, contra a tirania do governo central, à época, o imperador D. Pedro II. O movimento teve como seu maior líder e mártir, Frei Caneca.

Mas, como dissemos, a história da Confederação do Equador também teve como cenário o Triunfo, nome aliás herdado deste sangrento episódio, e sua importância ganha contornos ainda maiores, dado o fato de este confronto ter marcado o fim do movimento. Um mês e doze dias depois da batalha de picadas (antigo nome de Triunfo), frei caneca foi preso em Missão Velha e levado a Recife onde foi executado.

181 anos se passaram, e somente em 2005 esse fato histórico não só é reconhecido pela comunidade local, como divulgado e tratado com o destaque que merece. Esses 175 homens foram sepultados em valas comuns no próprio local da batalha, sendo mais de um século depois encontradas várias ossadas em escavações feitas para alicerces de edificações da cidade.

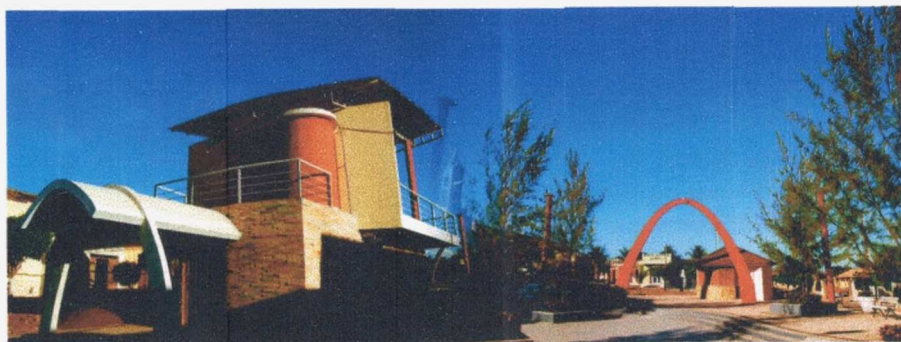
O Executivo Municipal, sensibilizado por essa injustiça histórica, buscou fontes, levantou dados e trouxe à verdade a luz, em seguida, encaminhou ao Legislativo uma Mensagem solicitando a aprovação da lei que reconheceu como oficial a data da batalha e, por fim, prestou as devidas honras e homenagens, recuperando uma memória que por quase dois séculos subjazia às cinzas do esquecimento.

Naquela ocasião o evento contou com a participação da comunidade, através de um desfile cívico, apresentação do Tiro de Guerra do Exército Brasileiro, Batalhão 07-011 – Cajazeiras/PB, participação e pronunciamento de autoridades públicas da região e, entre outras atividades, de uma Celebração Religiosa em sufrágio das 175 almas, que jamais retornaram às suas famílias.

Como disse o Prefeito Damísio mangueira, talvez tenha sido a primeira vez que, em 181 anos, uma prece tenha sido elevada aos céus, intercedendo pela paz e descanso eterno de quem legou sua vida, através da morte, a construção da história que nos tornamos herdeiros.

Mas nem só de comemorações se preserva a memória, e com esta visão, foi organizada uma comissão formada pelos Senhores José Ribamar de Andrade, Historiador e Professor da Rede Estadual de Ensino; Teodolino Mangueira Rosendo, Bacharel em Letras e Secretário de Finanças do Município, e Antônio Aurélio Cassiano de Andrade, Historiador, Secretário Municipal de Turismo e Presidente da Fundação Centro Cultural Francisca Fernandes Claudino, com o objetivo de se deslocarem ao Instituto Histórico e Geográfico de Pernambuco, localizado na cidade de Recife, onde empreenderam levantamento Bibliográfico e de documentos históricos relativos a Confederação do Equador, em busca de subsídios para a elaboração de uma exposição permanente, devidamente documentada, mostrando a evolução do movimento, seus principais fatos e, principalmente, o seu desfecho quando da passagem pelo então Sítio Picadas, hoje, como já foi dito, Triunfo.

O resultado do trabalho, considerado satisfatório pela equipe, produziu ainda como fruto, a aquisição de um exemplar original de 1924, da revista publicada por aquele Instituto, cuja edição especial foi comemorativa aos 100 anos da Confederação do Equador. O material, que já conta com 82 anos e se encontra em relativo estado de conservação, além de constituir-se em importante fonte de pesquisa, passará a integrar o acervo do Memorial Triunfo, que a partir de agora tratará de forma didática e pedagógica, exclusivamente do tema.



Memorial Triunfo.

A Fundação de Triunfo



Igreja Matriz do Menino Deus

Um fato religioso de grande importância ocorreu na história de Triunfo em 1864, quando houve uma epidemia de cólera em toda a região. Um beato, conhecido como Caboclo Manoel Bernardo temendo que a doença atingisse a localidade recorreu ao Menino Deus e fez uma promessa de que se o lugarejo fosse poupado daquela calamidade, ele ergueria uma pequena capela e celebraria a sua festa, anualmente, de 15 a 25 de dezembro, com um novenário, fogos e festejos.

Como tendo conseguido alcançar a graça, Caboclo Manoel saiu pelas redondezas pedindo esmolas e levantando fundos para a construção que foi imediatamente iniciada. Após construída a pequena capela logo surgiram em volta residências e prédios comerciais que hoje formam o centro de Triunfo. A Igreja Matriz do Menino Deus passou por várias reformas e é hoje uma das mais belas do Sertão paraibano. A festa do Menino Deus é mantida tradicionalmente há mais de cem anos e atrai visitantes de toda a região que aqui vem para, juntamente com a população local pagar suas promessas, com vestimentas cor de rosa, assim como é vestida tradicionalmente a Imagem do Menino Deus, vinda de Roma, no início do século passado. Dentre os rituais que caracterizam a festa do Padroeiro, há a apresentação

durante as nove noites de novena, de músicos, que adentram a Igreja conduzindo a “Procissão do Ramo”.

A partir da década de 50, incorporou-se a esse ritual a participação da Banda Cabaçal. Trata-se de manifestação artística de caráter popular trazida por remanescente de um quilombo de Pombal, que no ano de 1951, por questões ligadas a conflitos envolvendo a propriedade da terra, migraram para o Triunfo e aqui chegaram em número de 40 pessoas, e que ficaram conhecidos na localidade como os negros dos 40.

Esse fato é de grande importância para a história de Triunfo porque a incorporação desse povo à vida da comunidade veio acrescentar valores de ordem cultural, econômica, social e humana.

A luta pela emancipação política do município de Triunfo teve o seu ponto alto a partir de uma reunião realizada no dia 31 de agosto de 1959, na residência do Senhor Joaquim Moreira da Silva (localizada na Rua hoje denominada Sete de Setembro), tendo à frente o então Deputado Estadual Acácio Braga Rolim e com a presença de diversas personalidades locais, destacando-se os Senhores Joaquim Moreira da Silva, Raimundo Donato de Oliveira (vereador à época), Antônio Adriano de Andrade, Raimundo de Moura Mouzinho e Francisco Manguieira de Andrade, que integraram a comissão responsável pela delimitação geográfica do novo município e assumiram os trabalhos burocráticos e a articulação política, que culminaram com a nossa independência político administrativa, por força de Lei nº 2.637 de 20 de dezembro de 1961, sancionada pelo então Governador Pedro Moreno Gondim, sendo o município instalado oficialmente em 22 de dezembro, data em que se comemora o dia da cidade.

A respeito desse fato Rosilda Cartaxo nos dá uma importante pista em seu Livro ESTRADA DAS BOIADAS. Na página 100 ela nos informa da morte, em São João do Rio do Peixe, de José Dantas Rotheia, citando um texto de Coriolano de Medeiro intitulado DE LESTE A OESTE e publicado no Jornal A UNIÃO de 16 de setembro de 1934: “Por esse tempo em 1862 alquebrado pela idade e pela vida agitada de bandoleiro, mas ainda conservando o mesmo espírito de rebeldia o alcançou o cólera morbus matou-o.” (sic).

Esse registro nos parece interessante porque o fato se dá dois anos antes do cumprimento da promessa do Caboclo Manoel Bernardo.

Fonte de Pesquisa

BIBLIOGRAFIA:

Revista do Instituto Arqueológico Histórico e Geográfico Pernambucano. Vol. XXVI – N^{os} 123 a 126. Edição Comemorativa do 1^o Centenário da Confederação do Equador. Oficinas Gráficas da Repartição de Publicações Oficiais – Pernambuco 1924.

CARTAXO, Rosilda. Estrada das Boiadas. Nova Paraíba Indústria Gráfica Ltda. João Pessoa – PB – S/D (Edição Esgotada)

O Brasil Monárquico, Tomo II: O Processo de Emancipação / por Célia de Barros Barreto... [at al.] – 11^o ed. – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

INTERNET

<http://www.historianet.com.br/conteudo/default.aspx?codigo=385>

http://www.multirio.rj.gov.br/historia/modulo02/confed_equador.html

http://www.memorialpernambuco.com.br/memorial/paginas/historia/120confederacao_do_equador.htm

http://www.vestibular1.com.br/revisao/confederacao_equador_II.doc

http://www.dhnet.org.br/direitos/anthistbr/imperio/conf_equador.htm

<http://www.vestibulareconcursos.com.br/modules/smartsection/item.php?itemid=347&page=1>

<http://www.fundaj.gov.br/notitia/servlet/newstorm.ns.presentation.NavigationServlet?publicationCode=16&pageCode=230&date=currentDate>

<http://www.fig.br/artigos/dir/n2/1glacyra.doc>

http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-01881998000200014&script=sci_arttext&tlng=en

LIVROS DA EDUFCG

- 1 - A questão escolar sob diferentes olhares
- 2 - A formação do professor em foco: Interfaces entre saberes e fazeres
- 3 - A proteção do direito econômico Fundamental ao trabalho e a questão da AIDS no Brasil
- 4 - A fábrica de sonhos: a invenção da festa junina no espaço urbano
- 5 - A Paraíba no Império e na República: Estudos de História Social e Cultural
- 6 - Bases teóricas para gestão da propriedade intelectual
- 7 - Computação quântica: noções básicas utilizando a linguagem de circuitos quânticos
- 8 - Da cidade de pedra à cidade de papel: projetos de educação, projetos de cidade (1959)
- 9 - Derramando susto: Os escravos e o quebra quilos em Campina Grande
- 10 - Ensaio: Abordagens – teórico metodológicas: Possibilidades e Aplicabilidades em pesquisa.
- 11 - Entre o Kati e o Nirvana: Budismo, Arte marcial e Ascese em uma breve história das técnicas marciais do mosteiro de Shaolin (do séc. XVI ao XIX)
- 12 - Engenharia de materiais: Reologia de suspensões de fibras
- 13 - Fundamentos da energia solar: radiação solar e coletor solar plano
- 14 - Ferrovias inglesas e mobilidade social no Nordeste
- 15 - História da mídia regional: o Rádio em Campina Grande
- 16 - História da América
- 17 - História da Paraíba (ensino médio)
- 18 - Introdução ao direito ambiental
- 19 - Matemática financeira: Capitalização simples
- 20 - O conceito de coronelismo e a imagem do coronel: de símbolo a simulacro do poder local
- 21 - Plantas, prosas e poesias do semi-árido
- 22 - Questões comentadas do vestibular da UFCG – 2008: (Biologia/ Química), (História/Geografia), (Língua Portuguesa/ Redação/ Literatura Brasileira Língua Estrangeira), (Matemática/ Física)
- 23 - Relação de saber/poder: Protagonismo de jovens em assentamentos rurais do Alto Sertão Paraibano
- 24 - Sociedade de consumo, modernidade e globalização
- 25 - Solos agrícolas
- 26 - Sobressaltos do discurso: algumas aproximações da análise do discurso
- 27 - Territórios de confrontos: Campina Grande 1920 – 1945
- 28 - Trem modernidade e imaginário na Paraíba e região: Tramas político-econômicas e práticas culturais (1880-1925)
- 29 - Textos didáticos – análise do discurso
- 30 - Um convite à matemática: Fundamentos lógicos, com técnicas de demonstração, notas históricas e curiosidades

Os livros da EDUFCG podem ser adquiridos pelo site:
www.ufcg.edu.br/~edufcg ou pelo fone 3310.1008